

MANDALA: um símbolo do processo de individuação

Dulcinéia Sonneborn¹
Adriana Silveira Kessler²

Resumo

O presente artigo parte de uma proposta de pesquisa bibliográfica da obra de Jung, especificamente sobre aspectos que elucidam os mandalas como símbolos do inconsciente coletivo que dizem do processo de individuação. Este processo é o conceito central da proposta de Jung e requisito *sine qua non* do cumprimento da nossa tarefa íntima, intransferível e necessária no trânsito pelos diferentes ciclos naturais de evolução da vida psíquica. O problema desta pesquisa consiste em abordar a relação que se estabelece entre os mandalas enquanto símbolos que surgem em processos de individuação e o seu potencial transcendente, tal como o concebeu Jung. As questões norteadoras desdobram-se na investigação das manifestações do *Self* através do símbolo mandálico relacionadas a alguma fase da vida, se este atua no processo de individuação e se pode ser considerado um recurso ordenador da psique. Temos como objetivos pesquisar relatos que evidenciam a presença dos mandalas enquanto símbolo sélfico e ordenador da psique, bem como compreender a importância do mandala no processo de individuação, a partir de autores que transitam no tema.

Palavras-chave: Mandala. Símbolo. Processo de individuação.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA Torres. Endereço eletrônico: duda0809@gmail.com.

² Psicóloga. Professora do curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA Torres. Mestre em Psicologia Social Comunitária e Psicologia Escolar/Educacional. Endereço eletrônico: adripsi10@hotmail.com.

Introdução

As pesquisas, análises com pacientes e autoanálise, relatadas no livro “Memórias, sonhos e reflexões”, as viagens a várias culturas, suas compilações, anotações, seu pensamento, enfim, tudo o que decorre da busca de Jung por respostas, culmina numa proposta inusitada de entendimento da psique humana, apontando aspectos até então não considerados, ou não denominados tal como o fez. Pode-se destacar o inconsciente coletivo, seus símbolos, e entre eles os mandalas³, os arquétipos e o *Self* ou *Si-mesmo*, como arquétipo central e organizador da psique e que contém em si todos os demais arquétipos. O ponto de culminância da teoria de Jung é o processo de individuação. Para tanto, o indivíduo deve percorrer um caminho ao encontro do *Self* ou do divino em nós, o que pode se configurar numa espécie de labirinto, e como em todo labirinto, nem sempre se chega ao final.

Interessante que Jung percebeu que alguns símbolos se repetiam não de forma idêntica, mas como uma espécie de padrão que denotava algo em comum. No caso do presente estudo, vimos que os mandalas surgiam para indicar a presença ordenadora do arquétipo do *Self* em momentos de desordem psíquica, como foi o que ocorreu com o próprio Jung na experiência que teve enquanto trabalhava na Primeira Guerra Mundial. Também poderia surgir como uma imagem primordial, ou então, poderia ser considerado um símbolo para indicar que a individuação estava se processando.

Essas possibilidades nos remetem à pesquisa, pois há requisitos a serem observados e apontados a fim de que se possa minimamente entender a presença do mandala e o que está trazendo de indicativos.

Em se tratando de individuação, sabe-se que é um processo comum ao desenvolvimento do ser humano, porém, na prática, verifica-se que não ocorre com todas as pessoas. Acredita-se que a possibilidade de interpretação de algum indício de que está ocorrendo, pode ser muito pertinente pela colaboração que pode trazer ao entendimento deste e de outros processos da psique.

³ Os mandalas: neste artigo utilizar-se-á os mandalas, em consideração à maioria das obras consultadas que também utilizam esta forma de flexão de gênero.

Vale destacar que o presente artigo não pretende discorrer sobre o funcionamento de toda a psique, como a concebeu Jung. Interessante citar que as viagens que Jung fez buscando identificar símbolos comuns às mais variadas culturas, também o auxiliaram a chegar a entendimentos singulares sobre as referidas instâncias psíquicas citadas, bem como as tantas outras que compõem o mapa na íntegra.

Este artigo resulta de uma pesquisa bibliográfica utilizando-se prioritariamente da obra de Jung, alguns casos clínicos por ele narrados e autores contemporâneos que transitam e utilizam sua teoria e técnica.

Mandala: o símbolo e a perspectiva histórica

Percorrer os caminhos do tempo, ainda que com um breve aporte da História, da Antropologia e da Psicologia, guiados por estudiosos e pesquisadores como Jung, Wilhelm, Silveira e mais recentemente Arrien e Fincher, entre outros, é como descortinar um paradoxo entre o passado e o presente. Através da Antropologia pode-se verificar os registros e considerar a presença dos mandalas presente nas mais remotas culturas e em diferentes continentes.

As investigações sobre o simbolismo do mandala no Oriente, em especial no lamaísmo, apontam sua utilização como um instrumento de concentração, às vezes, são desenhados e pintados em festas especiais, ou ainda, expressos com movimentos do próprio corpo. Há tipos de mandalas que pertencem aos símbolos religiosos, dentre os quais, talvez os mais antigos da humanidade, já tenham existido na era paleolítica, nos desenhos rupestres rodesianos, que são universalmente difundidos (JUNG, 2011a; 2011d).

Durante uma visita a um mosteiro, Jung obtém informações importantes acerca dos mandalas orientais, em conversa com um “rimpochet” lamaísta, que lhe explica que estes, além do estilo inconfundível, possuem estrutura tradicional, como por exemplo, o sistema quaternário, ou seja, a quadratura do círculo, “[...] cujos conteúdos procedem invariavelmente da dogmática lamaísta” (JUNG, 2011a, p.105-106).

O autor continua: “[...] Assim, em seu uso cultural, os mandalas são extremamente significativos, pois seu centro contém em geral uma figura de supremo valor religioso: às vezes, é o próprio Shiva, ou Buda [...]” (JUNG, 2011a, p. 108).

Nesse sentido, a atribuição de uma valorização máxima ao centro do símbolo, coincide com o significado central dos símbolos dos mandalas individuais. O que também é referido nesta conversa no mosteiro, ao lhe ser explicado que o verdadeiro mandala é individual e provêm sempre de uma imagem interior, construída pouco a pouco através da imaginação ativa e que nenhuma é igual a outra. Assim, os mandalas que se encontram nos mosteiros e nos templos, não têm significado particular, são apenas representações exteriores (JUNG, 2011a).

Arrien (1997) cataloga inúmeros registros de pinturas e demais formas de arte rupestre que nos levam às origens da humanidade, dentre estes, estão vários exemplos de mandalas, alguns, de milênios anteriores a Era Cristã, remetendo-nos à ideia da universalidade do mandala através do tempo, pelo viés da Antropologia.

Interessante que Duarte Filho (apud ARRIEN, 1997, p.11), ao se reportar aos mandalas, designa-os como rodas, sendo considerada uma forma de recordar, compreender e decodificar conhecimentos, como se fossem camadas visíveis nos perfis das montanhas mais remotas do planeta, as quais podem nos levar a perceber o tempo de maneira multidirecional, em um dado instante:

[...] são como mapas cognitivos e ferramentas que ampliam nossa compreensão [...] a Roda de Medicina, Roda da Vida, Mandala, a Grande Espiral, ou qualquer outro dos nomes que lhe são atribuídos se manifesta puramente em seus princípios básicos, comuns a todas as tradições [...].

Nesse sentido, pode-se considerar que a presença dos mandalas transita de forma permeável através do tempo, apontando indícios de que faz parte do inconsciente coletivo de valor histórico e antropológico inestimável enquanto herança da humanidade. O seu significado já foi muito pesquisado, bem como sua utilização, porém, nem sempre levando em consideração seu potencial transcendente. Importante destacar que transcender significa mudar de atitude mediante algo que tem se mostrado repetitivo, ou seja, por transcendente, considera-se, “[...] não uma qualidade metafísica, mas o fato de que por esta função se cria uma passagem de uma atitude para outra” (JUNG, 2011b, p 493).

No estudo empírico de um processo de individuação de uma paciente, Jung, em se referindo aos mandalas, discorre sobre uma série de 24 (vinte e quatro) quadros e refere que o “[...] mandala é uma expressão psicológica da totalidade do *Si-mesmo*” (JUNG, 2011c, p. 305).

As inferências dos autores citados sobre a universalidade dos mandalas reporta-nos ao que Jung elucida ao compor o entendimento sobre os arquétipos, enquanto estudava a presença dos mandalas presentes nas mais diversas culturas e povos, chegando assim à compreensão sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos.

O *Si-mesmo*: totalidade e transcendência

Em especial, será pela via da transcendência que nos ocuparemos na sequência desta pesquisa, pois esta possibilidade tal qual Jung a concebeu é de grande relevância no âmbito da psicologia. Fato este, que nos suscita o desejo de investigar a relação entre a presença do mandala e o provável potencial e indicativo transcendente deste, enquanto símbolo.

Há que se considerar para tanto, que o símbolo carrega consigo a característica polissêmica, evidenciando que pode tomar significação diversa. No texto sobre a história e psicologia de um símbolo natural, Jung analisa uma série de sonhos de um paciente e argumenta que o que importa é analisar as visões dos símbolos que surgem nos sonhos e qual a influência que exercem sobre o estado do paciente.

No referido caso, ao se reportar ao símbolo da quaternidade (*circulus quadratus*), Jung observa que este surge nas mais diversas formas. Já no começo da série surge o círculo como forma de serpente circundando o sonhador (serpente em círculo devorando a própria cauda – uróboro), também surge como círculo, como relógio, como ponto central, como alvo circular, mesa redonda, casca, anel, ovo e estrela girando em círculo, entre outros (JUNG, 2011c).

Estudando as formas mandálicas e sua correlação com o processo de individuação, Harding, uma analista junguiana nascida na Inglaterra e erradicada nos Estados Unidos, desenvolveu uma extensa pesquisa sobre os mandalas e

temas afins. Harding observa e classifica três formas de mandalas que surgem no processo de individuação: o círculo, sugerindo a totalidade da psique; o mandala, enquanto quadratura do círculo, evidenciando a função de reconciliação de opostos; e o recipiente hermético, representado pelo ovo, útero, um cálice ou qualquer outro recipiente em que ocorra uma transformação fundamental. As variações de formas simbólicas são infinitas, e refletem um padrão universal evidenciando o processo de individuação (HARDING apud FINCHER, 1998).

Há que se considerar, no entanto, que Jung não mencionou nenhuma ordem específica porque contraria a característica de *circumambulação*⁴, do símbolo que não obedece ordem linear: “Jung não menciona a existência de nenhuma ordem específica de transformação dessas formas umas nas outras. Elas simplesmente lhe comunicavam que o processo de individuação fora ativado” (FINCHER, 1998, p. 184).

Jung (2011b, p. 467) faz um apanhado das definições que vinha elaborando e anota que a individuação desempenha um papel importante na psicologia analítica e a conceitua como:

[...] o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural; e uma coibição dela por meio de regulamentos, preponderante ou até exclusivamente de ordem coletiva, traria prejuízos para a atividade vital do indivíduo.

Outra estudiosa dos mandalas, a arteterapeuta Joan Kellogg, analisou milhares deles tentando encontrar um padrão ordenado subjacente às variações individuais, sem obter sucesso, por outro lado, desenvolveu uma técnica para uso dos mandalas na evolução pessoal (FINCHER, 1998).

Segundo Fincher (1998), o que se apresenta dentro do círculo está protegido, fortalecido e circunscrito, e cita Ferguson, que se refere ao círculo como representação da perfeição de Deus, como Deus eterno.

Um símbolo chinês que representa o céu tem a forma de um disco com um círculo vazio no centro, que significa o caminho da transcendência. Na alquimia ocidental, um círculo vazio no centro de um mandala é como um ponto central sem

⁴ Circumambulação significa não somente um movimento circular, mas também a marcação de uma área sagrada em torno de um ponto central. Psicologicamente, Jung a definia como uma concentração em um ponto, e a ocupação deste concebido como um centro de um círculo (BOECHAT, 2005).

movimento no eixo de uma roda, o qual refere-se à ideia de ‘janela da eternidade’. Von Franz (apud FINCHER, 1998, p. 151-152) conceitua:

[...] esse símbolo representa uma experiência do *Self*, que liberta o indivíduo de um ponto de vista limitado pelo tempo e pelo espaço. [...] através dessa ‘janela’ o homem toca o eterno em Si-mesmo, e ao mesmo tempo o eterno pode alcançar o mundo restrito no tempo [...].

Os símbolos têm o potencial de expressar coisas significativas para as quais ainda não há uma significação mais perfeita até o momento. Há nele a tentativa de união de opostos numa síntese buscando a totalização, algo que foge à compreensão e ainda não foi formulado em conceitos. Onde consciente e inconsciente se aproximam, têm vida e atuam, e há sempre a presença de uma imagem arquetípica. Em síntese, pode ser considerado uma “[...] linguagem universal infinitamente rica, capaz de exprimir por meio de imagens muitas coisas que transcendem as problemáticas específicas dos indivíduos” (JUNG apud SILVEIRA, 2011, p. 72).

Nesse ponto, se faz mister focalizar a questão da atuação, considerando as observações, de um antigo texto chinês feitas por Jung em parceria do sinólogo Wilhelm. Um dos aspectos abordados sobre esses escritos refere-se aos mandalas, que tem o significado de símbolo mágico e que não são difundidos apenas no Oriente, mas também entre nós. Cita o exemplo de mandalas cristãos da Idade Média, dos egípcios, o mandala de Jacob Böeme, em seu livro sobre a alma, dos índios Pueblo, e ainda, o exemplo de algumas pacientes que dançavam mandalas, e que na Índia recebia o nome de mandala *nritya*, cujo sentido é o mesmo do desenho, e finalmente, cita a flor de ouro, que considera um símbolo mandálico encontrado muitas vezes nos desenhos de seus pacientes. E então, explica que quando tais imagens são projetadas, não feitas por sugestão, pois ocorriam antes que conhecesse seu significado ou relações com práticas orientais.

Os autores seguem elucidando:

Essas imagens brotam espontaneamente de duas fontes. Uma delas é o inconsciente [...]. A outra fonte é a vida que, quando vivida com plena devoção, proporciona um sentimento do Si-mesmo, da própria essência individual. Ao expressar esta última nos desenhos, o inconsciente reforça a atitude de devoção à vida. De acordo com a concepção oriental, o símbolo mandálico não é apenas expressão, mas também atuação. Ele atua sobre seu próprio autor. Oculta-se neste símbolo uma antiquíssima atuação mágica, cuja origem é o “círculo de proteção”, ou “círculo encantado”, cuja magia foi preservada em numerosos costumes populares (JUNG; WILHELM, 2011, p. 40).

Nesse sentido, dois aspectos relevantes em relação ao símbolo a se considerar referem-se à questão da imagem arquetípica e da atuação do símbolo. Nise explica que nem toda imagem arquetípica se constitui em símbolo. Por outro lado, o símbolo carrega uma imagem arquetípica e dela é imprescindível, bem como as características já mencionadas, e em especial a atuação.

Mandala: um símbolo do *Self*, indicativo do processo de individuação

A proposta de investigar o potencial transcendente do mandala vai da pesquisa empírica na própria obra de Jung a relatos de autores contemporâneos.

Observa-se esse potencial na experiência do próprio Jung ao relatar que enquanto trabalhava na guerra (1ª Guerra Mundial), antes de iniciar suas atividades como médico comandante da região Inglesa dos Internados de Guerra, em Château-d'OEx, adquiriu o hábito de fazer todas as manhãs, em um livro de notas, desenhos espontâneos de círculos, os mandalas. Jung (2012, p. 173) explica que tais desenhos pareciam corresponder a sua situação interior, pois anota que “[...] à base dessas imagens podia observar, dia após dia, as transformações psíquicas que se operavam em mim”.

Stein (2012, p.140-141) relata que mais ou menos vinte anos depois, ao viajar para o Tibet, na Índia, Jung percebe que seus desenhos se assemelhavam aos mandalas dos budistas tibetanos que os pintavam nas paredes de suas casas e templos objetivando estabelecer ligação com poderes espirituais cósmicos e afastar forças do mal. Evidenciando-se assim, a ligação que havia não somente com seus próprios desenhos, mas também, com os de alguns desenhos de mandalas de seus pacientes em terapia, os quais, eram realizados espontaneamente.

Dessa forma, Jung percebe possíveis potenciais e recursos do mandala no psíquico, pois a emergência dessas imagens ocorreram antes das constatações de suas relações com as práticas orientais. Esses fatos, dentre outros, ancoram princípios que explicam o inconsciente coletivo, que, por sua vez, não compreende a linguagem da consciência. Então,

[...] É necessário contar com a magia dos símbolos atuantes, portadores das analogias primitivas que falam ao inconsciente. Só através do símbolo o inconsciente pode ser atingido e expresso; este é o motivo pelo qual a individuação não pode de forma alguma, prescindir do símbolo (JUNG; WILHELM, 2011, p. 44).

Nesse sentido, o mandala não é somente a expressão de forças mobilizadas diante do risco de dissociação psíquica. Pode surgir também,

[...] marcando as etapas evolutivas do processo de individuação. Mas, se o simbolismo da mandala for aprofundado, e se forem pesquisados paralelos na filosofia antiga e na história das religiões, verificar-se-á que a mandala representa Deus e a unidade do cosmos subjacente à multiplicidade das coisas apreensíveis pelos sentidos (SILVEIRA, 1981, p.313).

Em “O segredo da flor de ouro”, Jung se reporta a ideia de que as imagens de mandalas cuja fonte é a vida – que ao ser experienciada com devoção desencadeia um pressentimento do *Si-mesmo* – e a própria essência individual como manifestação dessa estreita relação com o arquétipo do *Si-mesmo* como se tivesse atuando. É este o termo empregado por Jung em se referindo a concepção oriental do símbolo que atua sobre seu próprio autor.

Nesse sentido, pode-se citar o exemplo de Fincher (1998), pois o resultado da proposta de trabalho desta norte-americana surge a partir de sua própria experiência com os mandalas. Conta a referida autora que num momento de intensa dor pela perda de um filho, e um processo de separação, comprou um caderno de desenho e canetas esferográficas e se lançou ao desenho. Sentia-se impulsionada a desenhar, inicialmente, desenhos desordenados que foram tomando formas circulares, e por fim, mandálicas.

Segundo Fincher (1998, p.10), diante do bem-estar que sentia, viu-se compelida a pesquisar a respeito e descobriu que “[...] a arte era utilizada para cura psicológica por profissionais chamados terapeutas”. A busca por referencial a fez contatar com Kellogg e posteriormente com a teoria junguiana que fundamenta e subsidia o trabalho que passou a realizar, em âmbito grupal e individual.

Sobre o que sente e percebe sobre o potencial dos mandalas, a referida autora explica que foi por meio dos mandalas que alcançou uma compreensão mais profunda sobre si mesma e do seu lugar no cosmos, ao afirmar que “[...] tem sido um suave – e às vezes não tão suave – lembrete de que a vida continua [...]” (FINCHER, 1998, p. 11).

Considerando os exemplos citados, faz-se mister destacar que,

[...] o Si-mesmo, uma entidade não-psicológica transcendente, atua sobre o sistema psíquico para produzir símbolos de integridade, frequentemente como imagens da quaternidade ou mandalas (quadrados e círculos). O seu significado como símbolos da unidade e da totalidade é corroborado no plano da história e também no plano da psicologia empírica. O que à primeira vista parece uma noção abstrata representa, na realidade, algo que existe e pode ser conhecido por experiência, que demonstra espontaneamente sua presença apriorística [...] (JUNG apud STEIN, 2012, p. 143).

Tanto para Jung como para Fincher, o mandala surge espontaneamente na consciência, tal como o próprio Jung havia observado, e, na condição de representante do *Si-mesmo*, fornecidos à psique através do arquétipo, o que também é elucidado em *Aion*.

Mandalas: um recurso ordenador da psique

O trabalho de Nise da Silveira, no Museu do Inconsciente, foi resultado de observação, pesquisa, estudo e posteriores contribuições do próprio Jung, em um dado momento, relatou Nise, que escreveu para Jung e remeteu algumas fotografias dos desenhos de mandalas dos seus pacientes (SILVEIRA, 1981).

As observações que Nise já havia feito sobre a estrutura de alguns mandalas que denotavam complexidade e harmonia, aproximando-se aos desenhos de mandalas contidos nos textos de religiões orientais, a instigaram a questionar Jung sobre a possibilidade dos desenhos produzidos, no Engenho de Dentro, por seus pacientes esquizofrênicos, serem considerados mandalas (SILVEIRA, 1981).

E nesse caso, como poderiam ser interpretados? Ao que Jung responde com perguntas como: “– Qual o significado do desenho para o autor, quais os sentimentos que desejava exprimir ao desenhá-los?”, observando que os autores deveriam ser questionados sobre os sentimentos que os mandalas lhes evocavam (SILVEIRA, 1981, p. 51-52).

Parte de uma das respostas buscada por Nise já estava respondida. Os desenhos eram mandalas e “[...] davam forma a forças do inconsciente que buscavam compensar a dissociação esquizofrênica” (SILVEIRA, 1981, p. 52).

Nise havia observado a evolução dos pacientes esquizofrênicos ao entrar em contato com os mandalas. Para ilustrar, pode-se citar experimentos feitos com desenhos mandálicos de pacientes em que puderam ser observados os efeitos integradores sobre a psique humana, em especial, um caso de um agricultor que obteve alta dias depois de uma série de pinturas mandálicas (SILVEIRA, 1981).

Ainda que possa surpreender, alguns mandalas expressam harmonia, e as configurações,

[...] dentro de um 'molde rigoroso' denotará intensa mobilização de forças autocurativas para compensar a desordem interna, fenômeno que não será para desprezar em relação ao prognóstico. Algumas vezes a estrutura da mandala torna-se complexa pela introdução de elementos significativos que refletem etapas do processo de renovação da personalidade [...] (SILVEIRA, 1981, p. 65).

Nesse sentido, as observações de Nise corroboram os pressupostos junguianos mediante elucidação de uso de recursos como os mandalas, disponibilizadas em proposta terapêutica de inusitados resultados com esquizofrênicos, até então. Muitas dessas imagens circulares expressaram tentativas, esboços, ou projetos de renovação, não indicando propriamente que a ordem psíquica seria restabelecida. Por outro lado, percebeu-se que a partir do momento em que as significações foram entendidas, a compreensão dos quadros clínicos foi favorecida (SILVEIRA, 1981).

Outro exemplo significativo refere-se a um grupo de alunas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o qual se propôs a aliar o uso de técnicas de dinâmica de grupo à elaboração de mandalas. O trabalho que foi proposto consistia em solicitar que os integrantes do grupo, logo após a aplicação de determinada técnica fizessem espontaneamente o desenho de um mandala. O que se repetiu por duas ou três atividades conjugadas. Os mandalas iniciais foram examinados e muitas apresentavam características mais primárias, as seguintes, porém, mostraram-se melhor elaboradas, com mais elementos em alguns dos casos. No final da atividade proposta, os mandalas conseguiram ilustrar os sentimentos mobilizados nas vivências, bem como situar o momento do participante no grupo e na vida pessoal (SOARES et al., 2005, p. 74).

O filme "Amor e inocência", título no Brasil, ou no inglês "*Becoming Jane*" (tornando-se Jane) aborda a cinebiografia da escritora inglesa Jane Austen, e nos reporta à época da aristocracia inglesa, onde não havia espaço para as mulheres com potencial intelectual. O que a sociedade da época esperava da mulher era a

realização de um 'bom casamento' e a submissão ao marido, privilegiando os interesses entre as famílias em detrimento do sentimento e do afeto.

Nesse contexto sócio-histórico, Jane inicialmente luta para superar os obstáculos que a impediam de viver uma união por amor. Esta situação rapidamente se modifica quando Jane descobre que a conquista de seu desejo poderia levar à miséria a família do seu amado. Ela então renuncia ao amor em prol desta família que perderia os benefícios da mesada provida pelo tio milionário que era dividida entre o amado de Jane, o jovem Lefroy e sua família.

Jane passa a dedicar-se em escrever romances e enfrenta os preconceitos da própria família e da sociedade que a pressiona para aceitar uma união sem amor. Escrever torna-se um recurso de acesso ao *Self* no caminho do processo de individuação da escritora.

Para ilustrar, reporto-me a uma cena do filme em que Jane está escrevendo diante de uma janela, enquanto seu irmão se casa. A cena em foco é sobreposta pela pintura de um grande mandala, extraída da igreja em que está ocorrendo o casamento. Por instantes, Jane é vista bem no centro do mandala como se estivesse indicando o caminho que nos remete ao *Self*. A referida cena, e posterior desenrolar da história e desfecho do filme, aponta indícios, de que a partir de então, Jane torna-se escritora.

Neste sentido, o destaque que se faz desta cena do filme de Jarrold (BECOMING..., 2007) remete-nos a inferir que o mandala é uma expressão da totalidade psíquica, e o centro do mandala é representada pelo *Self*, cujo núcleo é uma fonte de energia:

A energia do ponto central, manifesta-se na compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se aquilo que ele é, do mesmo modo que todo organismo é impulsionado a assumir a forma característica de sua natureza, sejam quais forem as circunstâncias (JUNG apud SILVEIRA, 2011, p. 89).

Ao perceber a função de 'proteção' e 'devoção' dos mandalas, Jung, "[...] deu-se conta de que estava reproduzindo um padrão arquetípico subjacente universal que tinha tudo a ver com a colocação das coisas em boa ordem". Então sintetiza, conceituando o mandala como "[...] símbolo universal que expressa a intuição de integridade ordenada" (STEIN, 2012, p. 141).

Essa experiência foi considerada por Jung (2012, p. 173) como a experiência central do *Self* que surge espontaneamente na consciência. Ou seja, o mandala como símbolo do *Self*, “[...] o mandala exprime o *Si-mesmo*”.

Pode-se ver na obra de Jung diversas passagens em que essa relação é observada e destacada por ele. Por ocasião da exposição no Congresso na *Eidgenössische Technische Hochschule*, Jung foi fotografado com o indicador de uma das mãos diante de um mandala apontando para o centro, referindo-se à função arquetípica do *Self* de conduzir ao centro. Nise destaca e comenta a foto:

Este é um gesto que por assim dizer resume a psicologia junguiana: apontar para o centro, o *Self*, simbolizado pela mandala. O *Self* é o princípio e arquétipo da orientação e do sentido: nisso reside sua função curativa (SILVEIRA, 1998, p. 52-53).

Nise e Jung perceberam o potencial do simbolismo do mandala na psique, tanto como um recurso integrador como tentativa de busca e conexão com o sagrado, com o divino, o *Self*.

Jung (2011c) verificou que em muitos de seus pacientes o símbolo do mandala surgia espontaneamente, em sonhos, fantasias, desenhos, tanto em momentos de crise como durante o processo de análise, evidenciando equilíbrio e ordem, e assim, percebeu que se tratava de manifestações do *Self*, enquanto totalidade organizadora do indivíduo.

Jung (2011c) relata um processo de individuação de uma paciente em torno de quarenta anos, culta, que mesmo sem ter conhecimento de artes plásticas se dispôs a pintar. O resultado é uma série de quadros que foram analisados e comentados um a um. Na maior parte deles, o símbolo que se repete é o mandala, evidenciando, essa busca pelo contato com o *Self*, ou o divino em nós. Ainda que algum tipo de desconforto ou desordem psíquica a estivesse acompanhando, a tônica é a busca de contato com o *Self* durante o processo de individuação da referida paciente, segundo refere Jung.

O processo de individuação, entendido por Jung como natural, claro e essencialmente simples pode ser considerado como uma “[...] tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas” (SILVEIRA, 2011, p. 77).

As verificações de Jung, dos inúmeros processos de individuação que acompanhou, levaram-no a perceber uma constância no surgimento de imagens análogas ou semelhantes que sucediam em determinado caminho percorrido,

contribuindo para a descrição das principais etapas do processo de individuação (SILVEIRA, 2011).

O início do processo se caracteriza pelo desvestimento das falsas roupagens da *persona*, que pode ser entendida como uma instância psíquica através da qual se estabelece contato com o mundo exterior. Uma espécie de máscara social comumente identificada de acordo com a profissão que se exerce. Nessa fase, há o risco do indivíduo fundir-se com a função que exerce: “Quanto mais a *persona* aderir à pele do ator, tanto mais dolorosa será a operação psicológica para despi-la” (SILVEIRA, 2011, p. 80).

O movimento seguinte é o contato com uma parte obscura, desconhecida, que nos traz dificuldade de aceitação ou nos repugna, então reprimimos em nós mesmos e projetamos no outro. Designada por Jung de *sombra*, esta instância psíquica é formada por componentes diversos, como fraquezas, defeitos, aspectos inferiores, imaturos e até maléficos, de complexos reprimidos, e ainda, de aspectos positivos, recursos em potencial a serem desenvolvidos (SILVEIRA, 2011).

Depois do conhecimento da própria sombra, se sucede a tarefa de confronto com a *anima* e o *animus*. A *anima*, entendida como uma figuração feminina, ou uma personificação típica ou arquetípica no inconsciente do homem e o *animus* na mulher respectivamente, os quais são suscetíveis de evolução, de transformação, objetivando a integração do princípio masculino na consciência da mulher, ou seja, do *animus* e da *anima* na consciência masculina (JUNG, 2012; SILVEIRA, 2011).

Após lutas sucessivas, desfazem-se as personificações da *anima* e do *animus*, “[...] o inconsciente muda de aspecto e aparece sob uma forma simbólica nova, representando o *Self*, o núcleo mais interior da psique” (VON FRANCE apud SILVEIRA, 2011, p. 87). O *Self* ou *Si-mesmo* é o centro da personalidade, mas também, a totalidade da psique, cuja força energética produzida tende a envolver todo o sistema psíquico, e a consequência é a totalização do ser, ou a *esferificação* (*abrundung*).

Nise refere que a expressão da totalidade é o mandala, cujo núcleo central é fonte de energia que “manifesta-se como compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se aquilo que ele é, do mesmo modo que todo organismo é impulsionado a assumir a forma característica de sua natureza, sejam quais forem as circunstâncias” (JUNG apud SILVEIRA, 2011, p. 89).

Em memórias, Jung compila algumas impressões acerca dos mandalas, pois esta imagem simbólica ou primordial identificada nas mais diferentes culturas e épocas históricas, ocupou um longo período de pesquisa e investigação criteriosa, e ainda assim, não dispensou observações alertando para o cuidado com o tema devido sua complexidade, em especial, pela característica de representante do *Self* ou *Si-mesmo*.

Em suas memórias Jung refere, ao retomar a questão dos mandalas, que por mais de quarenta anos descobriu a existência de um símbolo central da psique, de natureza semelhante, durante suas pesquisas acerca do inconsciente coletivo, que é justamente o símbolo do mandala. Explica que acumulou informações por dez anos, antes de publicar em 1929, pela primeira vez sobre o tema, e assim, conceitua o mandala como:

[...] uma imagem arquetípica cuja existência é verificável através de séculos e milênios. Designa a totalidade do Si-mesmo ou ilustra a totalidade dos fundamentos da alma – no sentido mítico, a manifestação da divindade encarnada no homem [...] o mandala moderna visa à unidade, isto é, representa uma compensação da cisão, isto é, sua superação antecipada. Como tal processo manifesta-se no inconsciente coletivo manifesta-se por toda parte (JUNG, 2012, p. 289).

Pode-se citar outras formas de conceitua-las e entende-las, e estaríamos possivelmente agregando elementos, ainda assim, “[...] encontraremos nos mandalas uma conformidade fundamental, apesar de todas as diferenças externas, independente de sua origem temporal e espacial” (JUNG, 2011d, p. 394).

Considerações Finais

A questão do símbolo tem papel de destaque na psicologia junguiana. Surge em inúmeros escritos de Jung, em especial, ao se reportar aos mandalas, que foram objeto de estudo de longos anos. Ainda assim, é mais fácil identificar do que definir ou então, estudar a aplicação do símbolo, como se vê, no exemplo do trabalho realizado por Nise da Silveira.

Vale destacar que Jung entendia o símbolo como “[...] a melhor representação possível de alguma coisa que jamais poderá ser conhecida plenamente” (HOPCKE, 2011, p. 40). Assim, os símbolos enquanto manifestações

dos arquétipos podem ser considerados como uma espécie de molde psíquico da experiência, e o símbolo, a sua manifestação peculiar.

O tema abordado compõe um universo de elementos interdependentes que buscamos compreender nesse território tão rico que é a psique humana. O recorte feito neste construto da topografia mental sobre o qual focamos a atenção, o inconsciente coletivo e os arquétipos, com ênfase no arquétipo central e ordenador da psique - o *Self* - permitiu-nos chegar a uma forma poderosa de sua representação, o símbolo do mandala.

Utilizamos para isso, recursos disponibilizados por estudiosos e pesquisadores como Jung, Arrien e Nise da Silveira, cujo trabalho desta última, desvenda em parte o universo dos esquizofrênicos e o quanto o mandala pode ser útil em processos reordenadores da psique, em especial, por ser uma tentativa de comunicação com o *Self*, ou o divino em nós.

Sabe-se que esquizo significa separado, separação, cisão, que é o que caracteriza, em geral, os quadros de esquizofrenia que comumente são acompanhados de grande sofrimento psíquico. Sobre o tema, Nise registra em seus apontamentos algumas observações em relação ao quadro de evolução dos pacientes, em que os mandalas davam forma às forças inconscientes como uma tentativa de compensar essa dissociação, não indicando propriamente que a ordem psíquica se restabeleceria, no entanto, evidenciou-se que o entendimento da significação dos mandalas favorecia a compreensão dos quadros clínicos.

De igual modo, no trabalho realizado na UPF, com alunos diante de escolha profissional, também se pode observar esse efeito ordenador na psique, pela iminência de contato com o *Self*.

Por outro lado, vê-se que nos exemplos em que o mandala surge espontaneamente, os efeitos observados, pode-se dizer, denotam força transformadora muito maior, é como se realmente atuasse no psíquico, como refere Jung (2011d, p. 31): “[...] de acordo com a concepção oriental, o símbolo mandálico não é apenas expressão, mas atuação. Ele atua sobre o próprio autor”. Para elucidar citou-se o exemplo do próprio Jung diante da 1ª Guerra Mundial, ou de Fincher, entre outros.

Nesse sentido, a característica da transcendência, como a concebeu Jung, pode ser observada, haja vista as importantes transformações, por exemplo, nos processos de individuação de Fincher e Jung. Pois, como Jung (2012) mesmo

explica, em “Memórias, sonhos e reflexões”: “Minha vida é a história de um inconsciente que cumpriu a própria missão”.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 14724**: apresentação de trabalhos acadêmicos. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

BECOMING Jane. Direção: Julian Jarrold. Produção: Scion Films. Blueprint Pictures, 2007. 1 DVD (121 min).

BOECHAT, Walter. Cuidado, atenção e escuta em psicoterapia: novas abordagens possíveis e a totalidade corpo-mente. In: WERRES, Joyce Lessa (org.). **Ensaio sobre a clínica junguiana**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005.

FINCHER, Suzane F. **O autoconhecimento através das mandalas**. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1998.

HOPCKE, Robert H. **Guia para a obra completa de C. G. JUNG**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G.; WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro**: um livro de vida chinês. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Psicologia e alquimia**: obra completa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011a. v. 12.

_____. **Tipos psicológicos**: obra completa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011b. v. 6.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**: obra completa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011c. v. 9.

_____. **Estudos alquímicos**: obra completa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011d. v. 13.

_____. **Memórias sonhos reflexões**. 23. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. 4. ed. Brasília: Alhambra, 1981.

_____. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

SOARES, D. H. P. et al. O uso de mandalas na orientação profissional. In: ORMEZZANO, G. (org.). **Questões de arteterapia**. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 38-53.

STEIN, Murray. **Jung o mapa da alma**: uma introdução. 4. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2012.